

Se o homem se esforça sem descanso na busca de sua perfeição perdida, jamais poderá alcançá-la verdadeiramente. (...) Essa busca se encontra na base das conquistas mais sublimes, mas também dos erros mais nefastos.

Chasseguet-Smirgel

Agustina Fernández*

Quando os ideais se tornam figuras do mal

O bem e o mal não são dois estados nitidamente diferenciados, em que a doença se localizaria ao lado do mal e a cura alcançaria o bem do sujeito. Ambos participam de um entrelaçado complexo. O mal-estar dos sintomas porta algum bem e toda cura se depara com certa perda (Szpilka, 2013). Freud (1930/1990f) escreveu que o mal-estar está infiltrado na cultura, que é intrínseco a ela, e isso não o privou de preferir a civilização à barbárie (Roudinesco, 2017).

O risco de ficar fascinado pelas luzes da operacionalidade transferencial é não perceber as sombras que projeta. Nos ditos “casos difíceis” a transferência é turbulenta, o que obriga o analista a se reposicionar sem trégua. No entanto, naqueles cuja transferência se apresenta aprazível – um “*rapport* em regra” (Freud, 1913/1990a) —, o analista pode deixar escapar (por serem sutis) as manifestações do mal.

As pequenas manifestações do mal na cura podem ser sinais que se disfarçam de insignificância; muitos se tornam invisíveis por estarem enredados nos ideais da época. Inclusive podem passar inadvertidos quando se acoplam com ideais do analista: de cura, de *bem-estar* no mundo, de êxitos pessoais, familiares ou profissionais. Restos ideológicos e valores culturais podem se constituir para o analista em pontos cegos de sua prática (Baranger, Zak de Goldstein & Goldstein, 1954/1994).

Paciente e analista são contemporâneos entre si (Agamben, 2007/2014): estão marcados por ideais de época e os levam consigo, sem saber, “à maneira do escravo mensageiro do uso antigo” (Lacan, 1960/1987). Por ser a temporalidade de suas existências históricas o *simultâneo*, estão expostos a uma cumplicidade imperceptível de ideais sociais.

Os ideais influenciam o projeto individual e o projeto coletivo. A história da humanidade testemunha grandes progressos (também grandes perdas). Os ideais não se satisfazem com pequenezas, buscam a perfeição. Esse afoito onipotente que desconhece a castração é devastador e evidencia o cunho de sua origem.

Na teoria psicanalítica, o ideal de Ego é contemporâneo ao conceito de *narcisismo* (Freud, 1914/1990c); subsiste como resíduo infantil da perfeição narcisista que a realidade considera perdida e a que o sujeito se nega a renunciar. Enquanto valor absoluto, é inalcançável e martiriza o Ego com sentimentos de culpa. Freud (1923/1990e) o inclui como uma função no acervo do Superego, herdeiro das identificações com as figuras parentais e a conflitividade pulsional do complexo de Édipo. Nele se acoplam novas identificações a substitutos sociais dos objetos primários, o que institui o fenômeno do coletivo. A proximidade do Superego com as pulsões do Id lhe dá um viés tirânico, que se sobrepõe ao Ego em hostis imperativos de gozo (Gerez-Amberlin, 1993).

Ideais de família, estética, economia, profissão, entre tantos outros, veiculam desejos que impelem em direção a, e se acoplam em uma composição: o “projeto da vida”. Enlaçam o sujeito à vida, aos outros, ao coletivo; portam sua contemporaneidade. Enterram suas raízes na cultura à medida que se consolidam por identificações com aquele “pai da pré-história pessoal” (Freud, 1921/1990, p. 30). Em sua criação mítica, Freud (1913/1990b) transmite que o pai soberano da horda primitiva, ao que os filhos assassinam, despedaçam e incorporam, era todo-poderoso e violento. A lei dos homens se instaura e assimila com violência. Aqueles pedaços de voracidade incorporados persistem no Superego.

O analista não está livre de seus ideais: esses podem se filtrar em sua escuta com o risco de que a análise se precipite em *furor curandis*.

The Theater of Disappearance, 2017

The Roof Garden Commission, Metropolitan Museum, New York
Cortesia do artista, Marian Goodman Gallery, New York / Paris / London e Kurimanzutto, Ciudad de México
Fotografia: Jörg Baumann

* Asociación Psicoanalítica Argentina.



São armadilhas que a transferência – e o narcisismo – assediam o mais atento dos analistas. Se esse não intervém a tempo no sentido de *des-idealizar* a transferência e *des-armar* valores supremos, a reação terapêutica negativa se lançará sobre a análise (Marucco, 2013).

Outra contingência que poderia transformar a análise em um *impasse* – e redobrar a seu perigo por ser *silente* – é uma inadvertida coalizão entre ideais do analista e ideais do paciente, em cumplicidade com o ideal narcisista: pacientes “tão bons” que a análise com eles anda “bem demais”.

Essa fascinação que o paciente desperta no analista, e que o obnubila, é sinal de que se acomodou no trono: *His Majesty the Baby*. Ali, “deve cumprir os sonhos, os irrealizados desejos” (Freud, 1914/1990c, p. 88) do analista?

Ideais do analista e de épocas obturam a escuta. Na Viena de Freud, mandatos superegoicos se inscrevem nas fórmulas “será um grande homem e um herói”, “se casará com um príncipe”. Poéticos! Inclusive, românticos...

O que acontece na Buenos Aires de hoje?

Cenas da clínica

“Santiago é tão *inteligente*. *Brilhante!* Para não *desperdiçar* seu tempo, além de advocacia, estuda economia”. “Já *deveria* estar formado, para ser o *jovem de sucesso* que deseja ser.”

“Laura sobrevivente de uma *intensa* busca de gravidez, recentemente foi mãe de uma *linda* menina”. “Estar *impecável* como antes é um desejo que a *submete* a uma dieta *rigorosa*.”

As conquistas acadêmicas de um jovem que corre em busca do êxito, uma bela mulher que persegue a maternidade e deseja cuidar de sua silhueta: ambos se incluem no tesouro de ideais que marcam – submetem – a subjetividade da época. Esses bens valiosos pela sociedade se validam como “aspirações normais” ainda quando se compõem de mandatos ferozes.

Quando ideais se tornam figuras do mal, o risco é que a análise não tenha lugar – inclusive quando seu fracasso não venha a ser essa *debacle* intitulada “reação terapêutica negativa”. Sua ruína é que ande harmônica demais – *impasses silentes*; que o analista seja cúmplice da tirania superegoica e os imperceptíveis sinais do mal se inscrevam como

conquistas pessoais do paciente ou como êxitos terapêuticos.

É uma posição ética para o analista estar atento ao “bem supremo” martirizador e pesquisar nele a pregnância do tanático: que sua intervenção veicule um luto pela perda de ideais (Freud, 1917/1990d) absolutos, narcisistas, e contribua a desalinhar o sujeito.

Referências

Agamben, G. (2014). *¿Qué es lo contemporáneo?* In G. Agamben, *Desnudéz*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 2007)

Baranger, W., Zak de Goldstein, R., Goldstein, N. (1994). Tentativa de aproximación al psicoanálisis de las ideologías filosóficas. In W. Baranger, R. Zak de Goldstein, N. Goldstein, *Artesanías psicoanalíticas*. Buenos Aires: Kargieman. (Trabalho original publicado em 1954)

Chasseguet-Smirgel, J. (1984). *El ideal del yo. Ensayo psicoanalítico sobre la “enfermedad de idealidad”* (p. 26). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975)

Freud, S. (1990a). Sobre la iniciación del tratamiento. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1990b). Tótem y tabú. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1990c). Introducción del narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1990d). Duelo y melancolía. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1990e). El Yo y el Ello. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1990f). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)

Gerez-Ambertin, M. (1993). *Las voces del superyó. En la clínica psicoanalítica y en el malestar en la cultura*. Buenos Aires: Manantial.

Lacan, J. (1987). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos II*. Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1960)

Marucco, N. (2013). Reacción terapéutica negativa y final de análisis. *La peste de Tebas*, 55.

Roudinesco, E. (2017). *El psicoanálisis como revolución de lo íntimo*. Conferência. Recuperado de <https://youtu.be/NKDOQb9jkJc>

Szpilka, J. (2013). Apuntes sobre la reacción terapéutica negativa. *La peste de Tebas*, 55.